

ARTE. ARTE? ARTE!



A Arte como Profissão: Profissionais da arte contam sobre como é viver da Arte.
Páginas 4 e 5

Santa Maria, Cidade Cultura
Atividades e eventos culturais para todos os perfis.
Página 3

Música no Colégio Politécnico da
Universidade Federal de Santa Maria
Conheça o projeto “Recital de Conclusão”.
Páginas 12 e 13

Editorial

Em sua terceira edição, o jornal de 2013 tem como tema “Artes” e sua (des)valorização na sociedade atual. A escolha se deu através de pesquisa com os estudantes do Ensino Médio do Colégio Politécnico que apontaram cinema e música como principais assuntos de seu interesse. Em discussão com os integrantes do projeto, optou-se por ampliar a escolha até chegar ao assunto que tematiza a produção deste ano. Um desafio inicial dessa opção foi o de contemplar as mais variadas manifestações artísticas existentes e valorizar os diferentes artistas a elas relacionados. Por isso, desde já, vale ressaltar que as artes aqui apresentadas valem como representantes das artes em geral e possíveis lacunas devem ser entendidas como possibilidades e motivação para outros trabalhos nesse viés.

Nossa principal intenção foi sempre a de desconstruir visões distorcidas e estereotipadas sobre as Artes a fim de as ressignificar na busca por sua valorização em sua diversidade em tempos, espaços e objetivos específicos. Foi pensando dessa forma que se partiu ao encontro de artes alternativas como tatuagem, grafite e artistas com variados perfis e formações: os que vivem da arte, os que as têm como atividade extra ou de lazer, ou ainda aqueles que a utilizam como forma de perpetuar sua cultura, como é o caso dos índios. Nesse processo, verificamos o quão é difícil viver de arte na nossa sociedade, ratificando ainda mais a validade da iniciativa de um jornal que visa a promover a reflexão sobre o tema e o promover cultural e socialmente.

O trabalho para concretização desse projeto envolveu enormemente seus participantes, já que implicou diferentes ações, como: pesquisas, reuniões semanais, palestras, questionários, entrevistas, transcrições, concursos, revisões. Tais atividades necessitaram que houvesse grande integração da equipe, sendo isso um dos grandes resultados satisfatórios dessa empreitada. Além dos sujeitos diretamente envolvidos, agradecemos a todos(as) que se prontificaram a nos ajudar de diferentes formas.

Expediente

Professoras Orientadoras: Cláudia de Castro do Amaral; Miriane Fonseca

Grupo de estudantes responsáveis pela edição: Alexandre Martins Vidor; Alina Fonseca Flores; Amanda Gradashi Corrêa; Anne Caroline Leite Wakulicz; Antônio Flôres de Castro; Emily Gradashi Corrêa; Isabela Chitolina Schetinger; Julia Trautenmüller; Kelly Strahl Glänzel; Mariana de Lima Dorneles; Vinícius Gutheil Schmitt; Vagner Fabris.

Diagramação: Kelly Strahl Glänzel.

Colaboração na Diagramação: Leonardo Pereira Cortes; Márcia Lenir Gerhardt.

Revisão dos Textos: Cláudia de Castro do Amaral; Miriane Fonseca.

Impressão: Gráfica MultiPress. Tiragem: 600 exemplares.

O Jornal “Arte. Arte? Arte!” é um jornal temático com distribuição gratuita e tiragem limitada.

Comentários podem ser enviados via e-mail para jornal2013@gmail.com

O Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria localiza-se no Campus Universitário – Avenida Roraima- Prédio 70 – Bairro Camobi – Santa Maria/RS

Diretor: Valmir Aita

Vice-diretor: Jaime Peixoto Stecca

Vencedor do Concurso Cultural Modalidade Charge



Giancarlo G. Bolzan, turma 31

Carta ao leitor

Participar da elaboração do jornal temático que tem como tema “Artes” foi uma experiência ímpar para o grupo. Através do contato com profissionais relacionados às Artes e das pesquisas bibliográficas, pudemos adquirir ainda mais conhecimento a respeito das formas de expressão artística e sobre os gêneros textuais que compõem o jornal, como a crônica, reportagem, charge, entrevista, artigo e outros. Inicialmente, imaginávamos que esse aprendizado seria o único benefício ao participar deste projeto. No entanto, no decorrer das reuniões, ficou nítida a importância de se realizar um trabalho em equipe, o que culminou no fortalecimento das relações entre os colegas e possibilitou que crescêssemos uns com os outros. O tema do jornal, desafiante, gerou incerteza e incentivou a procura de reportagens, vídeos, bibliografias e outros materiais a fim de sanar as dúvidas do grupo e nos tornar hábeis a transmitir ao leitor um pouco sobre o fascinante universo artístico. A partir desse trabalho, compreendemos que arte vai muito além de simplesmente pintar um quadro, escrever um livro... Arte é libertar a mente, dar asas à imaginação e expressar a realidade interior do artista. O que é arte, de fato, varia com o decorrer do tempo e com as culturas humanas. Portanto, caro leitor, convidamos-te a construir teu próprio conceito de arte a partir daquilo que tu aprecias e que te faz bem.

Alexandre, Alina, Amanda, Anne Caroline, Antônio, Emily, Isabela, Julia, Kelly, Mariana, Vagner, Vinícius.

“Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto “e daí?”
Eu tenho uma porção
De coisas grandes pra conquistar
E eu não posso ficar aí parado...”

Ouro de Tolo - Raul Seixas

Santa Maria, Cidade Cultura: acesso e valorização às artes na cidade

Entrevista com o diretor do MASM, Márcio Flores

No dia 18 de Setembro de 2013, os alunos do Ensino Médio do Colégio Politécnico Vágner Fabris e Mariana Lima Dorneles estiveram no Museu de Artes de Santa Maria (MASM) com o objetivo de entrevistar o diretor de espaço, Márcio Flores, a fim de conhecê-lo e as atividades próprias de sua função, assim como obter informações sobre os eventos culturais do Museu e de Santa Maria de forma geral.

Flores é paranaense, nasceu em Guarapa, região conhecida como coração do Paraná. Quando tinha 17 anos, prestou seu primeiro vestibular em que optou por odontologia, uma área totalmente diferente da que atua hoje. Porém, fez apenas um ano do curso. Depois disso, decidiu vir para Santa Maria e cursar Desenho Plástico que, na verdade, era o que realmente desejava.

Como de costume na maioria das famílias, a escolha não foi vista com bons olhos por seus familiares. Eles ficavam imaginando, preconceituosamente, as artes visuais como um curso em que não haveria muito campo de trabalho. Na verdade, tal suposição não é totalmente verdadeira, já que a área de atuação com esse curso é ampla, envolvendo diferentes linhas. Márcio Flores, por exemplo, seguiu sua formação focando seus estudos nos campos da museologia e patrimônio para as quais fez curso de doutoramento e pós-doutoramento em Paris.

Como diretor de um Museu de Artes, Flores desenvolve outras variadas atividades, mas todas relacionadas às artes e à cultura, as quais muitas pessoas desconhecem. Um diretor de museu trabalha com toda a parte da coordenação e da administração do local, desde a parte burocrática até a esfera funcional dos eventos. No MASM, não há exposições permanentes, mas existe uma reserva técnica com aproximadamente 500 obras as quais precisam de higienização, preservação e catalogação constantes.

Vale ressaltar que a instituição mantenedora do Museu é a Prefeitura Municipal de Santa Maria, através da Secretaria de Município da Cultura, que é responsável por outros espaços como a Biblioteca, o Arquivo Municipal e a Casa de Cultura.

Questionado sobre concordar com o título de Santa Maria como

Cidade Cultura, Márcio responde afirmativamente. Para ele, nossa cidade recebe essa denominação, pois realmente merece. Ele explica que existem muitas atividades culturais acontecendo em diferentes lugares. Segundo o diretor, o que talvez esteja faltando seja divulgação.

Ao encontro, o artista ressalta que, pode até ser surpresa para muitos santa-marienses, mas a cidade possui 16 museus com muita história e patrimônio, em que acontecem muitas exposições com artistas consagrados até mesmo internacionalmente e, muito importante, com entrada gratuita em grande parte deles, permitindo o acesso de todas as camadas da população.

Um exemplo de um evento cultural relevante e popular na cidade é o carnaval. A Secretaria de Cultura conseguiu resgatar a Tertúlia Nativista que também é outro evento que envolve toda a questão da cultura popular, o tradicionalismo. O Festival de Cinema vem acontecendo todo ano e a Feira do Livro é uma das mais antigas do estado. Também há um concurso de fotografia que ocorre no museu há 35 anos, que premia gente do Brasil inteiro. Outro concurso que acontece no MASM é o Felipe de Oliveira, um concurso literário. Muitos outros ocorrem, sendo até difícil listar todos.

Dessa forma, a cultura em Santa Maria está disponível para todas as pessoas, basta elas procurarem por ela. O diretor ratifica que, certamente, poderia haver mais divulgação, mas as pessoas também deveriam procurar mais, até porque todas as atividades são abertas à comunidade. Conforme Flores, atualmente, não existe essa história de apenas um grupo de pessoas ter acesso às artes na nossa cidade e, se isso ocorre, é por uma questão de interesse, que varia de pessoa para pessoa.

A propósito, durante a visita dos alunos Mariana e Vágner, o MASM estava recebendo a exposição Virgu In Carrum Navalli, que se revelava como uma mistura de arte, religiosidade e carnaval. Artistas, carnavalescos e artesãos participaram do evento emprestando seus talentos para a criação de mantos e coroas, os quais poderiam ser prestigiados gratuitamente por todos cidadãos.



Eventos Culturais em Santa Maria

De 14 de Maio a 31 de Dezembro de 2013: Feira de Múltiplas Artes, Alameda das Esculturas, Av. Presidente Vargas

De 24 de Maio a 30 de Outubro de 2013: 3º Salão de Design de Superfície, Museu de Arte de Santa Maria

De 25 de Setembro a primeiro de Dezembro de 2013: XXI Tertúlia Musical Nativista de Santa Maria, Largo da Gare

De 12 de Outubro a 19 de Outubro de 2013: Semana da Moda de Santa Maria – Primavera/Verão; em diversos locais da cidade

Dia 30 de Outubro de 2013: 5º Festival de Educação Fiscal em Cena, no Clube Caixeiral

Dia 10 de Novembro de 2013: 70ª Romaria Estadual da Medianeira, na Av. Medianeira

Dia 26 de Outubro de 2013: Mostra Científica, Cultural e Tecnológica do Colégio Marista de Santa Maria, no Colégio Marista de Santa Maria

*No Theatro 13 de Maio, todos os dias acontecem diferentes atrações. Para visualizar a agenda, acesse theatro13maio.com.br

“Nunca deixe que alguém te diga que não pode fazer algo. Nem mesmo eu. Se você tem um sonho, tem que protegê-lo. As pessoas que não podem fazer por si mesmas, dirão que você não consegue. Se quer alguma coisa, vá e lute por ela. Ponto final.”

(À Procura da Felicidade)

ARTE COMO PROFISSÃO

A equipe do grupo Jornal Temático conversou com alguns profissionais que vivem de arte sobre “Como é viver de arte e a valorização do seu trabalho na família, sociedade” e apresenta, a seguir, o registro desses depoimentos.

Nome: Roberto Carlan Lemos

Nome Artístico: Kiko Lemos

Idade: 46 anos

Arte: Música

Formação Acadêmica: Bacharel em Música pela Universidade Federal de Santa Maria

Tempo de profissão: 30 anos

Eu costumo dizer que eu vivo da – e para – arte. Eu não a queria para mim, mas começou a aparecer e eu tive que encarar. E, até hoje, consigo viver da arte e para a arte.

No início não era muito valorizada, mas hoje, assim como todas as artes – pintura, música, teatro –, parece que está valorizada; melhorou bastante. Minha família foi formada dentro da arte; minha esposa me conheceu no ramo da música, e ela já sabia que seria mulher de músico. E as minhas filhas também seguiram por esse caminho. Ficou tudo em casa.



Nome: Márcia Lenir Gerhardt

Idade: 37 anos

Arte: Desenho e Plástica / Artes Visuais

Formação Acadêmica: Bacharel em Desenho e Plástica (atualmente Artes Visuais - Bacharelado em Desenho e Plástica); Licenciada em Desenho e Plástica (atualmente Artes Visuais - Licenciatura em Desenho e Plástica) pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM; Especialista em Gestão Educacional pela UFSM; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM; Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UNISINOS com um período Sanduíche na Universidade de Siegen (UNISIEGEN) em Siegen, na Alemanha.

Desde a formação na graduação até a pós-graduação sempre pesquisei temas envolvendo a arte, o ensino dela, a formação do professor de arte, as políticas públicas, sempre visando à arte-educação.

Tempo de Profissão: Professora desde 2009.

Eu me considero viver de Ser professora de arte; no momento, não faço arte (obras de arte), dedico-me ao ensino de Arte, de Metodologia, de Projeto. Sempre acreditei que a arte é indispensável na “formação do ser humano”, na educação, no desenvolvimento do pensamento crítico, estético, político, ético, criativo, reflexivo, dialógico da pessoa, pois possibilita uma visão mais aguçada de si mesmo e de seu entorno no cotidiano, possibilitando atitudes mais humanizadoras.

Viver de arte em um país que não a incentiva, e numa sociedade que não tem por cultura investir em arte não é muito fácil. A arte não está na lista das “prioridades”, tanto como consumo como formação. Para muitos, ainda não é considerada como um conhecimento é vista como algo secundário, sem muita importância. Já houve avanços, mas há muito a mudar.

A arte, o artista, o professor de artes não podem ser valorizados somente porque os conhecimentos sobre artes serão cobrados nas provas de seleção para ingresso nas universidades. A arte tem seu valor, sua importância por si e deveria ser reconhecida como tal. Durante anos, a arte foi denegrida em função de opiniões, políticas isoladas e, infelizmente, ainda sentimos, como profissionais da arte, esses resquícios de um período obscuro da nossa história, em que a arte foi vista como uma ameaça.

Fazer aulas de arte é muito mágico; é sempre um novo desafio; é trabalhar um conhecimento representado de uma forma não tradicional; é ler o que não está escrito e trabalhar junto com o educando um novo conhecimento. Planejar as aulas é coletar muitas possibilidades em um universo tão amplo e rico, que, ao chegar à sala de aula, ter-se-á o educando, com seu ponto de vista, sua opinião, sua realidade, suas vivências; e, quando trabalhamos com realidades diferentes, pontos de vistas diferentes, precisamos, primeiramente ter como foco a arte e sua essência, pois cada um de nós tem sua forma de ver, de sentir, de absorver, de perceber a arte que está sendo trabalhada, e você, como professor, irá mediar esse outro universo. Portanto, viver de arte, de ser professor é um desafio.

Sempre tive foco na docência, dessa forma, minha família não se opôs a essa escolha. Com relação à sociedade, a profissão professor está em descrédito há muito tempo, independente da área de atuação.



Nome: Natanael Claudino, Cacique Caigangue e professor.

Nome Indígena: “Klere”, que vem da palavra sabedoria.

Idade: 30 anos

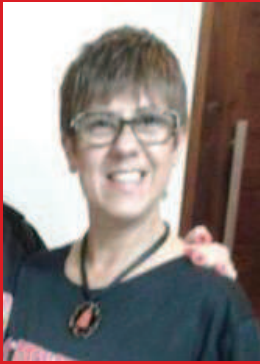
Arte: Arte Indígena

Tempo de profissão: Quatro anos como cacique da aldeia de Santa Maria. Nascido em Guarita, Noroeste do RS.

A renda familiar hoje é oriunda da confecção e venda de artesanato e, para as pessoas que estão olhando de fora, que compram é um simples trabalho. Mas o trabalho que a gente faz tem uma simbologia, a arte mostra como a gente é, ela fala da nossa cultura, fala da nossa língua, mostra como nós nos organizamos. Então, para nós, o nosso trabalho tem esse valor. É cultura mesmo. Algumas pessoas nos criticam, tentam mudar nosso destino para deixarmos de fazer o que a gente faz e tentar fazer a gente trabalhar fora, de empregado, que ganha mais; mas essa é a cultura nossa. Podem matar nosso corpo físico, matar essa cultura, mas as gerações futuras vão continuar fazendo.

Desde pequeno, a gente ensina nossos filhos a trabalhar com artesanato; olhando eles já aprendem. Nós já estamos dando educação, ensinamento para nossos filhos desde pequenos: a fazer, a vender. Muitas pessoas nos criticam porque estamos dando um trabalho infantil, que é crime. Para nós, estamos é educando nossos filhos, para que no futuro eles não venham a cair nas drogas, no alcoolismo, que não venham a roubar. Quando eles crescerem, eles mesmos vão poder criar sua própria família. É pensando nisso que a confecção do artesanato continua até agora. As pessoas de fora podem tentar tirar de nós, mas eles nunca vão conseguir. Faz parte da cultura.

Muitas pessoas compram o artesanato só para bonito mesmo, não pela simbologia que ela tem. E hoje, nesses quatro anos que estou liderando o grupo, eu sempre falo da nossa cultura, do artesanato nosso, o que ela significa. Hoje as pessoas que vão comprar o artesanato já perguntam o que simboliza aquele trabalho que a gente fez. Isso nos deixa orgulhosos; isso nos mostra que as pessoas que compram nosso artesanato, estão valorizando mais. As pessoas que compram nosso artesanato estão cada vez mais divulgando nossa cultura e colaborando para que não morra a cultura indígena.



Nome: Maria Goreti Cortes Mendonça
Nome Artístico: Goreti
Idade: 49 anos
Arte: Grafite / Professora de Artes Visuais
Formação: Bacharel em Desenho e Plástica (1988) ; Mestre em
Tempo de profissão: Dezoito anos

Não sou artista plástica; atuo como professora; vivo da arte educação. A minha experiência mais próxima como artista se dá na docência através de um projeto com Grafite que desenvolvo com estudantes da instituição na qual trabalho; a ideia é de interferência no espaço escolar. Há, inicialmente, uma mobilização do grupo para construção de projetos; definida a melhor proposta, a ideia é transportada para o muro, possibilitando que o público que circula na escola, não só alunos, mas pais, familiares interajam de alguma forma com essas produções feitas pelos alunos.

Com o tempo, a arte foi se modificando; era um componente curricular isolado; hoje, no entanto, com a inserção da disciplina nos vestibulares, passou a ser mais valorizada, tratando de temáticas nunca antes abordadas.

Conto com o apoio da minha família. As pessoas começaram a se dar conta da importância da arte como parte integrante da formação humana. As pessoas antes tinham uma ideia de arte muito restrita ao museu, à galeria; hoje, a arte faz parte do cotidiano, apresenta-se no design de um cartaz, no estilo de roupa que tu vais escolher, no design de um móvel... Então, a arte está sendo vista com outro foco, com outro olhar, não mais restrita à obra de arte no museu, na galeria.

As pessoas já percebem a arte nestes pequenos artefatos do dia-a-dia. Eu posso ter uma luminária em casa e ela é uma peça de arte, eu posso ter uma cadeira e ela é – pelo design dela – uma obra de arte.



Nome: Ana Lúcia Vargas
Nome Artístico: Tia Lulu
Idade: 47 anos
Arte: Dança
Formação Acadêmica: Não
Tempo de profissão: 30 anos

Viver da arte é um privilégio. A dança é umas das profissões mais fantásticas que existe. O que move a arte é a emoção, o sentimento, a alegria, a satisfação. A cada instante, é diferente; a cada momento é uma profissão nova, um fazer constante. Acho que eu escolhi a melhor que existe.

Santa Maria é uma cidade um pouco complicada em relação à arte, porque é uma cidade flutuante: as pessoas vêm e voltam. Com a criação do Curso de Dança na Universidade Federal de Santa Maria, haverá o fortalecimento de uma visão mais profissional, e isso gera uma perspectiva muito grande para as escolas aonde vão atuar os profissionais da área. Como Santa Maria é uma cidade em que há uma grande oscilação de profissionais da área, encontramos professores bons que ficam cinco anos e vão embora. Eu acredito que a própria vinda do curso vai fazendo com que as pessoas criem mais raízes na cidade e, conseqüentemente, a arte se desenvolva melhor. Uma qualificação melhor, mais professores – e melhores – formados em dança, é uma coisa que em Santa Maria é novidade. No Brasil, já existe formação acadêmica há muito tempo, porém, em estados mais afastados. O curso vem trazer para Santa Maria essa valorização que esta faltando em termos de dança.

Por tudo que o trabalho com arte da dança proporciona - emoção, sensibilidade, que, nas outras profissões, acaba restrito - acredito que, da minha família, sou a profissional mais feliz com o trabalho. Na minha família, existe uma veia artística muito forte: minha irmã é professora de artes, meu irmão é engenheiro – precisa entender um pouco de arte – e, o meu outro irmão é dentista. Eu acho que a arte está inclusa em todas as profissões, mas a minha é um pouco diferente, porque existe mais sentimento, espiritualidade. Enfim, sou a bailarina da família.

Nome: Carlos Eduardo Delgado Barcellos
Nome Artístico: Duda Barcellos
Idade: 37 anos
Arte: Tatuador.
Formação acadêmica: Graduando do Curso de Artes da UFSM
Tempo de profissão: 17 anos

Viver da arte é legal; gosto de poder viver de um lance que gosto; posso trabalhar por muito tempo, por muitos dias, que não canso. Não me imagino fazendo outra coisa. Até fazer o nome, se inserir no mercado, se tem certa dificuldade. Hoje, já tenho meus clientes certos; estou sempre tatuando. No início, foi meio complicado, mas é como qualquer ramo que se vai seguir, até conseguir certo respaldo, demora um pouco.

A tatuagem está ganhando cada vez mais espaço. Quando comecei a tatuar, há 17 anos, era uma realidade, hoje, já é outra bem diferente. A gente tatua pessoas de todas as classes sociais, de todas as idades. É bem mais aceito tanto pela sociedade como pela família. Antes, havia bastante preconceito; a pessoa que era toda tatuada era considerada louca ou bandida. Hoje, já não tem esse pensamento, a maioria das pessoas aceita bem.

A não aceitação de profissionais tatuados pelas empresas já está mudando; o que vale é capacidade profissional. O preconceito existe e sempre vai existir, sempre vai haver pessoas que são menos flexíveis, mas isso vai mudar até chegar a ser que nem na Europa, por exemplo, que é muito comum pessoas tatuadas gerente de banco ou médico. Aqui ainda existe certo tabu em algumas profissões. Eu acredito que esse preconceito vai acabar.

A tatuagem é uma arte. Para não gerar arrependimento, tem que tatuar algo bem pessoal. Procurar um trabalho mais artístico, um tatuador bom, e conversar com ele, discutir e desenvolver uma arte pessoal, não copiar; acho que o interessante é isso: procurar valorizar o lado mais artístico da tatuagem, buscando individualismo. É esse o recado que tenho pra dar.



Nome: Vinicius Sencion
Idade: 23 anos
Arte: Malabarismo
Formação Acadêmica: não possui
Tempo de profissão: Seis anos

Hoje tem que batalhar, porque a arte está um pouco desvalorizada. Um exemplo disso são os artistas de rua: artesãos, malabaristas, músicos, entre outros; muito carro dá cinco ou dez centavos, e isso é bem desmotivador para o malabarista, mas do mesmo jeito tem gente que colabora e que apoia a arte; é desses que nós vivemos, e não dos que não dão e guardam dinheiro no banco.

Mas eu amo o que eu faço. Realmente, eu faço o que eu gosto e vivo bem com isso.



Crônica Vencedora do Concurso Cultural

Brasilidade

Inúmeras publicações na internet me intrigam e, principalmente, seus comentários, que me parecem um tanto programados. Percebi que a maioria das páginas que tratam sobre as artes, em geral, explora o tema dando maior foco ao compositor da obra e não para ela própria. Talvez, o que mais me incomode nisso tudo é o fato de esse enfoque estar disfarçado em um monte de manifestações que pregam a tolerância e a pluralidade.

Esses dias, deparo-me a um blog que aborda sobre o universo musical e, dentre várias fotografias de cantores e suas respectivas legendas, uma postagem sobre a música popular brasileira me chamou atenção. Nela, havia a capa de um álbum famoso de um cantor brasileiro, e os comentários me pareciam todos iguais, elevavam o autor à superioridade de uma forma um tanto arrogante. A questão não se trata de esse artista não merecer o reconhecimento pelo seu trabalho, mas sim da supervalorização do mesmo em busca da inserção no mais novo grupo dos cultos cheios de “brasilidade”.

Um trechinho de música aqui, uma passagem de um livro ali e uma frase cultuando a intelectualidade: eis o que predomina nas redes sociais. A arte acaba se tornando um objeto erudito, o qual as elites se apossam a fim de acharem uma falsa identificação pessoal e destaque na sociedade. Parece-me que desde sempre as pessoas procuram se utilizar de elementos artísticos para ganhar status, para ser um quê mais nobre e ter o chamado requinte.

Algo que eu ainda não tinha visto era a utilização do popular com intuito comercial em moldes refinados. São tantos artistas brasileiros que, em meio à repressão, utilizaram sua arte como denúncia social e atividade ociosa e que sofriam preconceito e, pela maioria, eram considerados sem conteúdo e não dignos de reconhecimento. Fico feliz de eles terem conquistado o público e de terem quebrado alguns paradigmas, no entanto, incomoda-me o fato de haver sempre um ciclo vicioso, em que as pessoas desvalorizam o novo e enaltecem o consagrado. Será que o popular não acaba virando elitizado e serve de mercadoria? Não creio que sejam os compositores das obras os grandes vilões da história, é a indústria das artes (termo um tanto paradoxal) que usa a necessidade de inserção das pessoas na busca de lucros.

Observei, também, que muito se fala da aceitação, de diversidade e do tal povo brasileiro. Sinto tanta superficialidade quando se monta a figura do ser brasileiro, nas nacionalices, buarquices e caetanidades. Meu desejo era o de que as pessoas ativassem a sua visão periférica e pudessem ver não somente o que querem que seja o Brasil, mas sim a arte brasileira que está nas ruas, na esquina da nossa casa. Que tal desprende-se um pouco do mundo nos cultos e aterrissar à realidade? Talvez a espontaneidade seja o que está faltando em nossas vidas.

De Letícia Caetano Moreira, turma 21

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

De autoria de Vinicius de Moraes, poeta que completaria 100 anos neste ano.

Artigo de Opinião

As Artes em Sintonia com o Mundo

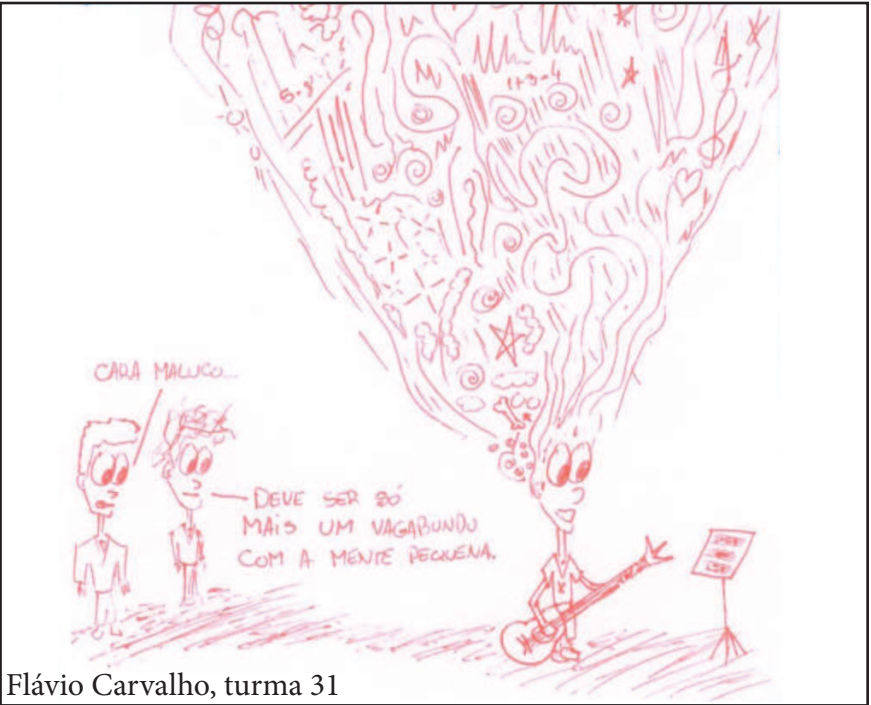
Como não apreciar as artes? Tão particular e global, ela revela – e questiona – o “estar” no mundo. Todos conhecemos a arte que se apresenta em pinturas, música, teatro, obras literárias, entre outros exemplos do cotidiano. Mas será que as valorizamos como base para uma boa formação pessoal, e até mesmo profissional?

No Brasil, em julho de 2010, o presidente Luiz Inácio da Silva sancionou a lei 12.287 que obrigou as escolas a proporcionarem o ensino da arte. Esse contato com a expressão artística é de extrema importância para desenvolver a cultura e estimular a criatividade, assim afirmava Paul Klee: “A arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz ver”.

Desde então, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – após muitos projetos aprovados – inseriu as artes no seu processo seletivo. Essa satisfatória decisão auxilia em todo crescimento dos alunos, desde sua expressão, até a formação de uma opinião crítica. A aprendizagem não se resume em ciências exatas e humanas, e sim, na percepção mais completa, em que a arte é fundamental.

Portanto, a ampliação dos critérios de avaliação dos estudantes com a inserção das artes no programa da UFSM instigará os estudantes a desenvolver um melhor pensamento artístico de modo a expandir seu conhecimento e forma de se relacionar com o mundo.

De Alina Fonseca Flores, turma 31



e eu faço parte dessa circunferência
cilindros, parece que tudo não passa de um absurdo
e eu faço parte dessa circunferência
cilindros, parece que tudo não passa de um absurdo
e eu faço parte dessa circunferência
cilindros, parece que tudo não passa de um absurdo

Carluce Pereira

O ai
Quando um filho
Cai!
Alice Ruiz

RESENHAS

Resenhas são gêneros discursivos dissertativos que se apresentam como um resumo crítico de alguma obra. A seguir, encontram-se resenhas de três importantes obras da Literatura Brasileira, que estão contempladas no roteiro programático do vestibular da Universidade Federal de Santa Maria, mais especificamente, no processo seletivo 2, conhecido como PS2: Iracema, de José de Alencar, Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo e Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. Além de trazer informações importantes sobre os livros, que poderão colaborar na realização da prova da literatura da UFSM, os textos abaixo pretendem despertar o desejo por ler as obras por completo. Boa leitura!

Bom-Crioulo

No ano de 1895, Adolfo Caminha publicou a primeira edição de seu livro “Bom-Crioulo”. O período literário no qual o livro foi lançado é chamado Realismo/Naturalismo, sendo o segundo uma vertente do primeiro e foco do livro de Caminha. No Brasil, esse período foi influenciado por um movimento semelhante na França, este surgido no ano de 1870. Atualmente, Bom-Crioulo, dividido em doze capítulos, é uma das obras indicadas como leitura obrigatória em diversos concursos, como o vestibular da UFSM e da UNICAMP.

Adolfo Caminha entrou para a Marinha de Guerra em 1883, acontecimento fundamental para a caracterização detalhada do cenário do livro Bom-Crioulo. Depois de deixar a marinha, Caminha passou a escrever, totalizando oito livros publicados, entre eles romances, poesias e contos. Suas obras focam em representar as diversas facetas da sociedade e seus integrantes, geralmente de um modo pessimista e animalesco, assim como outros escritores naturalistas. Bom-Crioulo foi recebido com escândalo, sendo considerada perverso e imoral por tratar de temas considerados tabus pela sociedade da época, como a homossexualidade. Suas demais obras também não obtiveram o devido reconhecimento imediatamente após o lançamento.

No livro Bom-Crioulo, o ex-escravo Amaro, o próprio Bom-Crioulo, é um marinheiro que trabalha em uma corveta onde conhece Aleixo, um jovem filho de pescador, por quem se apaixona. Os dois acabam tendo uma relação, e vão morar juntos na pensão de Dona Carolina, uma ex-prostituta da qual Amaro salvara a vida uma vez, e que por isso mantinha um sentimento de gratidão em relação ao negro. Após um tempo, Bom-Crioulo é convocado para servir em outro navio, e passa a ver Aleixo cada vez menos. O jovem acaba criando certa repugnância por seu parceiro, e espera cada vez menos o retorno deste para a pensão.

Após receber um castigo severo no navio no qual trabalhava, Amaro é obrigado a se internar em um hospital, e passa tanto tempo sem ver seu amado que começa lentamente a enlouquecer. Aleixo, aproveitando a ausência do outro, se envolve romanticamente com Dona Carolina, e cultiva o medo de que Bom-Crioulo volte para casa e descubra o caso dos dois. Seus medos acabam se provando reais, e quando Amaro consegue fugir do hospital e voltar para a pensão, descobre sobre a traição e mata Aleixo. Em seguida à cena final do livro, a morte do jovem marinheiro, a ideia que é passada aos leitores é de que aquele foi só mais um fato rotineiro, e que a vida continuava na mesma monotonia de sempre após a tragédia. Isso evidencia a tendência do autor e do período de retratar o ser humano como naturalmente selvagem, e que essa selvageria está impregnada no nosso cotidiano.

Pode-se dizer que Adolfo Caminha foi pioneiro em tratar do tema da homossexualidade abertamente em seu livro. Para a sociedade moralista e estrita do período em que Bom-Crioulo foi publicado, determinado comportamento sexual era visto como uma atrocidade, o que tornou a obra pouco apreciada logo de início. A inclinação do autor em dar características animais a seus personagens é atributo do período literário Naturalismo, assim como a objetividade e retratação de patologias sociais.

Bom-Crioulo é uma leitura fácil e dinâmica, porém intensa. É possível atribuir as abordagens diretas e exageradas da obra ao período literário em que está inserida, além das características do próprio autor. Adolfo Caminha escreveu um romance impactante e instigante, e além de ser leitura obrigatória em concursos, Bom-Crioulo é uma leitura obrigatória para aqueles que intentam conhecer e analisar a sociedade de um modo mais amplo.

De Livia Roese Miron e Fernanda Rubin de Mello, turma 21

Noite na Taverna

Escrita por Álvares de Azevedo e publicada no ano de 1855, Noite na Taverna tornou-se uma das importantes obras do Romantismo Brasileiro. Como pertencente à geração maldo-século, na obra, há traços nítidos das características comuns aos escritores da época, que por sua vez, tinham uma vida boêmia.

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo, em 1831 e, logo, mudou-se para o Rio de Janeiro. Inspirou-se, principalmente, em Lord Byron e Musset, enchendo suas obras de subjetivismo e melancolia. Morreu aos 21 anos, vítima de tuberculose, em 1852.

Em 7 contos, Solferi, Gennaro, Claudius Herman e Johann contam seus feitos e tragédias passadas. Em uma taverna, cada jovem lamenta-se com histórias que vão de amor não correspondido à necrofilia. Em todas as passagens, o sexo, a morte e perversidade estão presentes, como se fossem instintos incontroláveis aos humanos. Dessa maneira, as personagens enchem-se de culpa, já que, em sua maioria, foram responsáveis pelas atrocidades direta ou indiretamente.

Creio que, quanto à dramaticidade, senso de mistério e amor idealizado, a obra encaixa-se perfeitamente ao Romantismo. Não obstante, diferentemente das demais produções do período, as necessidades e patologias do homem são explorada a fundo. Ao passo que o amor e a morte são desejados, o sexo é tratado como doentio e inevitável. Os estratégias e traições parecem-me pertencer ao Realismo. O homem perverso, um tanto naturalista, e a melancolia exacerbada, o Romantismo. Com o exagero típico dos românticos, Noite na Taverna trata de uma forma envolvente e misteriosa os anseios e devaneios mais profundos do homem, sendo para mim, uma obra recomendada a ser lida.

De Letícia Caetano Moreira, turma 21.

Iracema

Considerado uma dos primeiros romances indianistas, “Iracema”, escrito por José de Alencar – renomado romancista romântico cearense que promove um projeto de identidade brasileira -, é uma narração sobre a lenda de fundação de seu estado de nascimento, Ceará. A obra de pequena extensão explora muito o ambiente da mata, fauna e flora, e também apresenta vários termos da cultura indígena.

O romance trata da história de amor de Iracema, uma índia tabajara, e Martim, dito guerreiro branco português, amigo da tribo dos pitiguaras, que eram inimigos da nação tabajara. Iracema é descrita como “a virgem dos lábios do mel”, com seus cabelos “mais negros do que a asa da graúna”, também como uma guerreira, mas com completa delicadeza, pondo-a como um símbolo indígena, uma figura forte e corajosa. A virgem, que é filha do pajé da tribo, Araquém, guarda o “Segredo de Jurema”, o qual carrega a fórmula de uma poderosa bebida alucinógena que cabe a ela preparar os guerreiros, e também exige dela um voto de castidade, ou então, morreria.

Um dia, banhando-se na mata, Iracema percebe que um homem branco a observa e, com a grande habilidade em arco e flecha que possui, lança-lhe uma flechada como instinto. Vendo quem lhe assistia, Iracema conhece Martim, e, com remorso, leva-o para sua tribo tabajara para cuidar do ferimento em seu rosto. O homem branco toma conhecimento do pajé Araquém e de Caubi, irmão de Iracema que estava ausente, e também conta com a ligação com o tabajara. Iracema e Martim se apaixonam, mas ele logo fica sabendo do segredo de Iracema. Como se não bastasse, Irapuã, cacique da tribo parece amar também a virgem, querendo a todo custo protegê-la de matar o português. Quando Martim percebe que Irapuã vai à guerra contra os pitiguaras, ele está prestes a fugir para voltar para tribo de seus amigos, e Iracema o impede e pede que ele deixe Caubi o guiar quando voltasse, para sua segurança. O irmão da virgem volta, eles partem, mas caem na emboscada de Irapuã, há luta todavia guerreiros pitiguaras logo dão sinal, fazendo com que os tabajaras fujam, e o casal volte a cabana de Araquém.

Escondidos em uma gruta na cabana, os dois planejam uma fuga no próximo ritual da bebida poderosa dos sonhos que Iracema preparava para os guerreiros na floresta, com Poti, amigo pitiguara de Martim, que tinha conseguido entrar ali com eles. Entretanto, antes do dia do ritual, Martim pede para também tomar a bebida, na esperança de que ajudasse a saciar seu desejo por Iracema no mundo dos sonhos, ela cede e ele então sonha com a virgem. No outro dia, Iracema vai para a mata realizar o ritual e, enquanto os guerreiros dormem, ela foge com o português e seu amigo pitiguara. No limite das terras tabajaras, quando ela deveria voltar para sua tribo, Iracema conta a Martim que seu sonho, provocado pela bebida na outra noite, foi real, que não era mais virgem e, portanto, não poderia voltar. Os tabajaras vão procurar Iracema, mas, depois de uma luta, o casal consegue escapar e chegar a tribo dos pitiguara, onde ela se sente desconfortável, então dos dois vão construir uma cabana no mar.

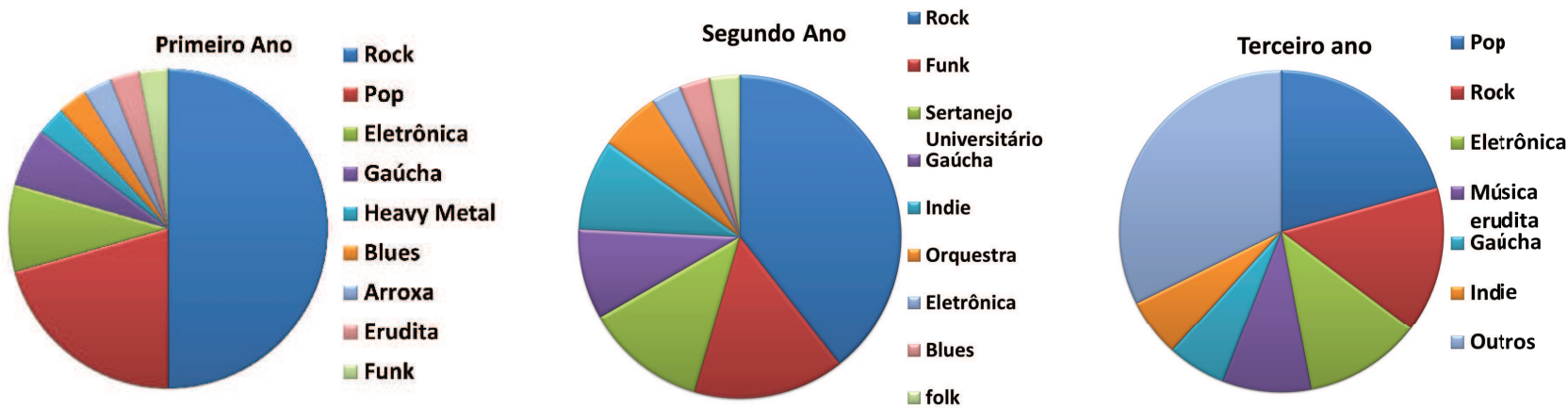
A índia conta que está grávida e, ambos ficam muito felizes. Depois de um tempo, Martim confessa que estava com saudade da pátria e, para amenizar, vai lutar ao lado de Poti, sem se despedir de seu amor. Desolada, ela acaba tendo o filho sozinha, apenas com a jandaia – sua ave amiga – de companhia e, muito fraca, dá ao nome ao filho de Moacir, filho do sofrimento. No auge do drama exagerado que permeia esse romance, ela dá seu peito sem leite para que filhotes de cachorros suguem algum alimento para seu filho e sangra bastante antes que o leite saia. Caubi chega a visitá-la e cuida da irmã por uns dias, porém ela insiste para que ele volte a tribo para ajudar seu pai. Martim volta a tempo de pegar o filho dos braços cansados da esposa, mas ela não sobrevive. Ele e Poti enterram Iracema ao pé de um coqueiro, e o português decide voltar à terra natal com seu filho. Anos depois, ele retorna para rever a árvore, que teria dado início ao estado do Ceará.

Talvez pelo linguajar rústico ou pela palavras indígenas, por vez o ultra romance dos personagens, a obra atrai amor e ódio. Não recomendo aos não amantes de romances e novelas, pois facilmente ficariam na segunda opção. O idealismo da figura indígena também não favorece, somente neste livro para se achar uma nativa virgem com hálito mais doce que baunilha. Aos românticos de plantão, há doce de sobra nesta história. Apesar do final trágico, pode-se dizer que foi uma morte por amor. Pode ser uma boa opção para conhecer as características indianistas românticas da literatura brasileira também. E, se, as circunstâncias o levarem a ler esse romance, como levaram a mim, apenas cuidado com a diabetes!

De Linda Dotto de Moraes, turma 21

TOP 5

Desde o funk ao rock, todos têm um gênero musical favorito. Assim, o grupo do Jornal Temático 2013, visando a interagir com o público leitor, aplicou um questionário a fim de conhecer o gênero musical predileto dos alunos do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM. Foi perguntado aos alunos das três séries: “qual seu estilo musical predileto?”. Dessa enquete, obtiveram-se os seguintes resultados:



Após conhecer os gêneros mais recorrentes nas respostas dos entrevistados, considerou-se importante trazer uma breve história sobre esses, a fim de compartilhar com o público informações sobre as origens, influências e características destes estilos musicais tão populares.

Rock

Como não poderia deixar de ser, a história do rock começou com um grito. Este influenciou – e foi influenciado – a sociedade americana. Na década de 50, a chamada geração silenciosa deparou-se com um ritmo até então desconhecido.

Antes de definir o rock, é preciso considerar o nascimento do blues - resultado da fusão entre a música negra e a europeia. Este ritmo encontra-se nas raízes musicais dos primeiros artistas de rock e sua denominação decorre da palavra “blue”, que em língua inglesa também significa “triste”, “melancólico”. Assim, essa nova música “doce-amarga” transformou-se na principal base para a revolução sonora da década de 50. No entanto, é preciso enfatizar que, além das notas melancólicas do blues, a dança e, principalmente o som das guitarras elétricas, foram fatores essenciais para a caracterização do rock.

Os principais atingidos pela revolução sonora do rock’n’roll foram os jovens, inicialmente nos Estados Unidos e depois no mundo todo. Nos primeiros anos da década de 1950, esses jovens encontravam-se em meio a disputas entre o capitalismo e o comunismo e a uma valorização do consumismo, da modernização, fruto do progresso científico gerado no pós-guerra. No entanto, mais do que o cinema, a música firmou-se como o canalizador das ideias contestatórias dos jovens, frente à insatisfação com o sistema cultural, educacional e político. E o rock’n’roll era o ritmo que ditaria esse comportamento. “O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento.

O rock se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia (...) Mais polimorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição (e da estagnação...)” (CHACON, 1985, p. 18-19)

Funk

O funk originou-se nos Estados Unidos a partir da segunda década de 1960, tendo como base os traços da música negra americana. Primeiro foi denominado “funk” as músicas calmas, porém foi transgredindo até as mais animadas e dançantes.

James Brown é um bom exemplo deste estilo musical; trouxe as batidas mais animadas à música. Conforme o tempo passava, surgiam mais subgêneros derivados do estilo como Miami Bass, Funk Melody e o Freestyle.

A popularidade do funk caía nos Estados Unidos devido ao grande apelo eletrônico e comercial das bandas do gênero o que favoreceu a proliferação de seus derivados; todavia, em meados dos anos 90, bandas como Red Hot Chili Peppers e Faith No More começaram a repopularizar o estilo adicionando a ele traços de heavy metal.

Já no Brasil, as origens do funk carioca são extremamente ligadas ao funk americano com a importação do gênero soul music pelos artistas brasileiros, como Tim Maia, Carlos Dafé e Tony Tornado. Com a influência do Miami Bass, que tinham traços mais erotizados e batidas mais rápidas. Assim, com o começo da produção de músicas do gênero em nossa língua teve origem o novo estilo.

Com letras contando as dificuldades e violências das favelas, o funk se popularizou entre as comunidades pobres. Conforme os artistas mudavam os temas, as letras também mudavam, passando a exaltar as drogas, o tráfico e a sexualidade, fato que, de certa forma, gerou preconceitos com a música.

Fonte: http://www.achetudoeregiao.com.br/rj/rio_de_janeiro/Funk.htm

“Com a roupa encharcada e a alma
Repleta de chão
Todo artista tem de ir aonde o povo está
Se for assim, assim será
Cantando me disfarço e não me canso
de viver nem de cantar”

“Nos Bailes da Vida”, Milton Nascimento

Música eletrônica

Eletrônica é toda música que é criada ou modificada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos, tais como sintetizadores, gravadores digitais, computadores ou softwares de composição. As primeiras experiências com manipulação sonora por meio de equipamentos eletrônicos aconteceram na década de 1940, na França.

Na época, o francês Pierre Schaeffer criou a música concreta que tinha em sua composição ruídos gerados por toca-discos. Ele também adicionou a manipulação sonora através da variação da velocidade ou do sentido de leitura das gravações.

Três anos depois, o alemão Werner Meyer-Eppler estava fazendo experiências com síntese sonora e sua aplicação na música. Ele montou com outros dois músicos o primeiro estúdio de música eletrônica. Poucos anos depois, Karlheinz Stockhausen entrou para o estúdio e, em 1956, tornou-se o pioneiro em unir vozes humanas com sons eletrônicos.

Os passos a partir de então foram curtos, mas aos poucos a música eletrônica foi ganhando o seu espaço, principalmente por meio de artistas mais pop. Mas apenas com o surgimento dos sintetizadores que a música eletrônica conseguiu se popularizar, em meados de 1960. E com o advento dos computadores pessoais, mais de uma década depois, o seu sucesso ficou garantido.

Fontes: <http://www.eletromusica.com.br%2Fconteudo%2Fmaterias%2Fcomo-surgiu-a-musica-eletronica%2F&h=DAQH9oEDB>
<http://www.eletromusica.com.br/conteudo/materias/como-surgiu-a-musica-eletronica/>

“É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há.”

“Pais e Filhos”, Legião Urbana

POP

Durante seu desenvolvimento, a música pop foi influenciada pela maioria dos outros gêneros populares. Sendo assim, também definida diferentemente década a década. Seu início foi caracterizado pela forma da balada sentimental, obtendo o uso de harmonias vocais da evangélica e do soul, a instrumentação do jazz, do country e do rock, a orquestração da clássica e o andamento da dance music, sustentada pela eletrônica e por elementos rítmicos do hip hop e, recentemente, apropriou-se de passagens faladas do rap. Geralmente identificam as características seguintes como normais ao gênero de música pop: atração a um público geral ao invés de uma subcultura específica ou uma ideologia, este fato também foi visto pelas indústrias do mercado capitalista a fim de facilitar e atrair o comércio; ênfase na gravação, na produção e na tecnologia nas apresentações ao vivo; tendência a refletir tendências atuais a desenvolvimentos contínuos; feita muito em função de dançar ou usa batidas e ritmos destinados à dança.

Música Nativista

A música nativista é um gênero sul-rio-grandense que mescla as culturas argentina, uruguaia, paraguaia e do sul do Brasil. Designa um ponto de vista diferente do chamado “tradicionalismo”, e abrange, nas músicas, temas como o amor pela tradição (o cuidado com o campo, cavalo, culinária, rancho e valores), a mulher gaúcha e a devoção em Deus.

Tem origem na escola literária do parnasianismo; identifica semelhanças na compreensão de temas referentes à natureza e ao ambiente. Além disso, os compositores utilizam uma linguagem metafórica e conotativa para expressar seus sentimentos, o que se tornou uma característica deste gênero.

Entre os principais ritmos da música gaúcha, pode-se citar o chamamé, a vaneira, a rancheira, a polca, a milonga, o rasguido doble, a chamarra e o bugio. A respeito dos mais importantes poetas e intérpretes nativistas, vale citar: Luiz Marengo, Gildo de Freitas, Jayme Caetano Braun, César Oliveira e Rogério Melo, Lisandro Amaral, Leonel Gomez, Neto Fagundes, Joca Martins, Noel Guarany, Teixeira, dentre muitos outros.

Atualmente, realizam-se vários festivais de música nativista pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, tendo a “Califórnia da Canção Nativa”, localizada em Uruguaiana – RS, como um dos principais eventos.

Fonte: <http://www.musicagaucha.com/>

Trilhas Sonoras

Quem nunca ouviu uma música e viu passar pela cabeça algum filme? As trilhas sonoras são parte essencial de qualquer filme, mas algumas delas se destacam se tornando um ícone do filme a que pertencem. Sejam músicas orquestrais, como na Marcha Imperial de Star Wars, ou mesmo sucessos por cantores famosos, como na trilha sonora de o Guarda-Costas, vários filmes foram marcados por obras musicais.

PSICOSE – 1960

A trilha da famosa cena do chuveiro deixou sua marca não apenas no filme de Alfred Hitchcock, mas também como sinônimo do gênero suspense.

STAR WARS – 1977: A MARCHA IMPERIAL

A marcha imperial é um dos maiores símbolos da franquia Star Wars, não só como o tema do vilão Darth Vader, mas também como ícone de toda a saga. Foi composta por John Williams, que também trabalhou na outra franquia de George Lucas, Indiana Jones.

INDIANA JONES – 1981: MÚSICA TEMA

John Williams acertou mais uma vez na criação do tema do maior aventureiro de todos os tempos, em outra parceria com George Lucas.

O GUARDA COSTA – 1992: I WILL ALWAYS LOVE YOU

Uma das trilhas mais românticas de todos os tempos, a música é um dos maiores sucessos da cantora (e protagonista do filme ao lado de Kevin Costner) Whitney Houston.

O BOM, O MAU E O FEIO – 1966: TEMA PRINCIPAL

O tema principal do filme ficou imortalizado na cena do confronto como um dos maiores símbolos dos filmes de faroeste de todos os tempos.

2001, UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO – 1968: ASSIM FALOU ZARATUSTRA

A música foi uma parte crucial na narrativa deste filme, então não é à toa a trilha de abertura do filme é uma das melhores já feitas na indústria cinematográfica.

ROCKY III – 1982: THE EYE OF THE TIGER

Uma das sequências mais memoráveis do filme, o treino de Rocky é maravilhosamente representado pelo maior sucesso da banda americana Survivor.

GHOST – 1990: UNCHAINED MELODY

Esta cena de um dos melhores filmes de romance vai ser sempre lembrada pela música que compõe a trilha sonora deste grande sucesso.

TITANIC – 1997: MY HEART WILL GO ON

A música tema do filme, gravada por Céline Dion, foi responsável por um dos vários oscars que o filme recebeu: o de Melhor Canção Original.



“Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo...

Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor.”

“O que é o que é?”, Gonzaguinha

“Felicidade foi se embora
E a saudade no meu peito ainda mora
E é por isso que eu gosto lá de fora
Porque sei que a falsidade não vigora”.

“Felicidade”, Caetano Veloso

PLAYLIST

Rock:
Índios - Legião Urbana
Wish you Were Here - Pink Floyd

Funk
Glamurosa - Mc Marcinho
Soul to Squeeze - RHCP

POP
Smooth Criminal - Michael Jackson
Material Girl - Madonna

Gaúcha
Pra Bailar de Cola Atada - César Oliveira e Rogério Neto
De Quem já Gastou as Esporas - Ângelo Franco

Eletrônica
Don’t You Worry Child - Swedish House Mafia
Wake me Up - Avicii

“E quando eu estiver triste
Simplesmente me abraçe
E quando eu estiver louco
Subitamente se afaste
E quando eu estiver bobo
Sutilmente disfarce
Mas quando eu estiver morto
Suplico que não me mate, não
Dentro de ti, dentro de ti.”

“Sutilmente”, Skank



Segundo Lugar, Modalidade Crônica

Le véritable art

Certa vez, vinha discutindo com uma colega os mais diversos temas. Falávamos sobre a vida em geral, sobre ciência, sobre política, enfim, os mais variados tópicos que, normalmente, resultam numa calorosa discussão, repleta de embates de opiniões que, ora divergem, ora se complementam. Enfim, o diálogo tomou seu rumo, novos assuntos vieram à tona até que surge, finalmente, a arte. A colega observa com perspicácia “Existe, atualmente, uma supervalorização de artistas; não se pode mais criticar a obra desses artistas que já vem uma legião de pessoas defensoras do trabalho dos artistas contestar a sua opinião improcedentemente. Há um endeuamento cego de certos artistas, que considera qualquer objeção a esse ídolo quase que uma heresia”.

Concordei totalmente. Na sociedade atual, há artistas cujas produções estão praticamente isentas de qualquer crítica ou contestação. Há um senso comum que pré-determina que tais músicos compõem a verdadeira “cultura brasileira”, que tais escritores são os verdadeiros “gênios” da literatura, que somente tais pintores “sabem” realmente retratar a realidade e que sabem realmente “fazer arte”. Aliás, não é incomum vermos as pessoas exclamando “Ah, isso que é arte!”. Mas, afinal, o que é arte?

Há uma verdadeira confusão hoje em dia quando se tenta fazer a distinção entre a arte e a arte erudita, ou arte culta. Às vezes, aliás, não há distinção alguma; a ideia de arte erudita praticamente é tratada como sinônimo de arte.

Na música, como observou a colega, a situação se torna bem evidente. Para muitos, música “de verdade” é a música clássica, ou então a MPB (o que chega a ser irônico, pois MPB significa música “popular” brasileira). Simplesmente não se criticam Chico Buarque, Caetano Veloso, Elis Regina e outros grandes nomes da MPB. Eles simplesmente são perfeitos, dotados de um gênio artístico incomparável que nenhum outro artista pode ter. São poetas, sábios, eruditos. Não há problema algum em gostar de música clássica ou MPB, muito pelo contrário. O problema está em defender incessantemente o músico sem avaliar criticamente a mensagem que a música traz. Muitas pessoas defendem o artista porque lhes foi imposto que a obra desse artista é que tem de fato “conteúdo”. E elas acabam disseminando para todos que somente músicos da MPB, por exemplo, é que produzem músicas com conteúdo. E samba, axé, frevo, reggae, rock, punk, funk, rap? Esses estilos não são arte? Eles não têm conteúdo?

Filmes “eruditos” também são enaltecidos unanimemente. Parece que, quanto mais difícil de entender o filme, melhor ele é. A linguagem complexa; as cenas desconexas; a imagem turva, com uma nitidez baixa; o figurino das personagens extravagante e as diversas referências a outras obras ou acontecimentos que a maioria da população não conhece são elementos essenciais para um bom filme. A obra é totalmente sem nexo, e apenas os que sabem o que é arte conseguem entendê-lo.

A verdade é que o fenômeno como um todo apresenta-se como uma verdadeira elitização da arte. A arte produzida por e para uma minoria acaba sendo taxada como a única forma de arte possível. É inconcebível aceitar passivamente tal situação. Arte é a maneira como uma pessoa expressa sua opinião, seu sentimento, sua crítica, sua perspectiva sobre a realidade. O que acontece hoje é uma submissão das pessoas em relação à arte da elite. Pessoas acham que para fazer arte é preciso ter renome; saber reconhecer um Monet ou um Renoir, ouvir Mozart, Bach, jazz e bossa nova; citar Clarice Lispector e Machado de Assis. Não! Para fazer arte, só é preciso pensar por conta própria! Para fazer arte, só é preciso ter opinião, ter uma visão própria do mundo que o rodeia e saber representá-lo com suas próprias mãos.

Encerro o diálogo propondo à colega que vejamos um Frederico Fellini, ao som de Caetano, enquanto degustamos um suave Cabernet. Ela ri, contempla um Van Gogh fixado na parede e cita “Na arte, a inspiração tem um toque de magia, porque é uma coisa absoluta, inexplicável. Não creio que venha de fora pra dentro, de forças sobrenaturais. Suponho que emerge do mais profundo eu da pessoa, do inconsciente individual, coletivo e cósmico.” (Clarice Lispector, escritora)”

Alexandre Sauerwein, turma 21.

Segundo Lugar, Modalidade Charge



Livia Roese Miron, Turma 21

Terceiro Lugar, Modalidade Charge



Linda Dotto de Moraes, turma 21

Terceiro Lugar, Modalidade Crônica

(Des)valorização da arte

Hoje em dia, os artistas contemporâneos famosos produzem obras e as vendem por milhares de reais, dólares ou euros. Trabalhos que em sua maioria têm aparência bizarra, provocando comentários em quem as vê do tipo: “Eu poderia ter feito isso!” ou “Como isso vale tanto?” Isso provoca a questão: a arte está sendo valorizada demais? Ou será que está perdendo seu valor?

Uma vez alguns amigos e eu folheávamos uma revista, nada procurávamos de específico, apenas passando o tempo, e encontramos uma matéria sobre obras artísticas muito simples, avaliadas como arte contemporânea, e que custavam fortunas. Trabalhos como, por exemplo, diferentes tons de vermelho espalhados em uma folha. Um desses meus amigos se exaltou, impressionado e irritado com o alto valor cobrado por algo que, na opinião dele, é tão simples e fácil de realizar, outro já se disse acostumado a ver pagarem altas somas por obras exóticas.

As reações dos colegas, a indignação de um, a indiferença de outro, me fizeram acreditar que arte foi, sim, desvalorizada. A sensação é que os trabalhos desses artistas não valem realmente o que custam em dinheiro, então, mesmo que a arte seja valorizada pelo mercado, ela é desvalorizada pelo público, que é o alvo da obra e, portanto, quem verdadeiramente deveria importar.

A arte contemporânea, um conceito complexo, afirma que o objetivo principal da arte não é ter sua estética apreciada, e parece que a ideia entra em choque com o que pensa a maioria das pessoas, acarretando até mesmo em certo desprezo pela arte contemporânea.

O que acredito ser a maior causa da resistência à arte contemporânea e consequente desvalorização da arte é o paradigma criado pelas antigas obras de artes, nas quais o autor realizava trabalhos muito elaborados e de grande valor estético, criando a ideia que a arte não pode ser feita por qualquer um. Ideia quebrada pela arte contemporânea, pois apresenta trabalhos simples e de fácil concretização, alegando que o mais importante é o autor se expressar livremente.

Enfim, creio que o que está prejudicando a arte é o seu excesso de valorização monetária, enquanto a obra em si é desvalorizada pelo público geral. Será que a arte sofreu uma inversão de valores?

Victor Bernardo Pereira, turma 21

ENTREVISTA COM A COPERVES: A INSERÇÃO DAS ARTES NOS PROCESSOS SELETIVOS DA UFSM

A partir do ano de 2015, Artes serão inseridas no processo seletivo para ingresso no Ensino Superior na Universidade Federal de Santa Maria. Por isso, o Jornal Temático conversou com a professora Liliana Soares Ferreira, coordenadora pedagógica da COPERVES, Comissão Permanente de Vestibular, com intuito de compartilhar com a comunidade sobre o que motivou a UFSM para esta mudança, quem participou desta construção e as repercussões e expectativas do projeto.

O que motivou a UFSM a inserir as Artes no programa referência?

Existe uma tendência, desde o Enem, de uma ampliação da avaliação dos estudantes. Na COPERVES, há três anos, percebemos que estávamos avaliando muito numa lógica de linguagem e raciocínio. Para a formação de um sujeito que realmente venha para a universidade com uma percepção mais completa do mundo, era necessário avaliar todas as áreas. Foi nessa perspectiva que se entendeu que o pensamento artístico é aquele que organiza o ser humano, é a forma como ele se relaciona com o mundo. Os processos seletivos único e seriado avaliam o cidadão que vai entrar no ensino superior. Então, devem contemplar as características desse sujeito que chega à universidade, que se interessa pelo projeto pedagógico da UFSM. Ele deve ser o mais completo, e artes, nesse viés, são fundamentais.

Quem participou desta construção?

Na COPERVES, há um processo bastante participativo em relação às alterações que fazemos. A comissão é composta por professores de diferentes áreas, os quais orientam os processos. A professora Thais Scotti do Canto-Dorow fazia essa atividade de organização dos programas. Porém, a partir de 2011, isso foi assumido por um setor criado pela atual gestão da COPERVES, através de seu presidente, professor Celso Arami Marques da Silva. Ele criou um a chamada Assessoria Pedagógica, pela qual sou responsável. A partir de então, elaboramos a primeira versão do projeto e a enviamos para as escolas parceiras, cerca de setecentas escolas registradas, que tiveram três meses para analisá-la. Foi realizado um evento que as reuniu na UFSM. Nessa oportunidade, puderam trazer suas contribuições. Houve também uma discussão pelos professores da área de artes com essas escolas. Logo após, reunimos as solicitações, revisamos o programa e lançamos sua versão oficial.

Quais foram as repercussões dessa decisão?

Pelas escolas, a avaliação que temos é que a inserção foi boa, pois

não só valoriza a área, como destaca o trabalho do professor de artes. Dada a organização do programa, que não é fechada, o profissional da área tem a autonomia na organização de seu trabalho, que materiais vai utilizar, que conteúdo vai aprofundar, prestando atenção somente nos verbos que existem no começo

do programa, que indicam o nível de aprofundamento. Assim, em uma primeira versão, a avaliação tem sido muito satisfatória, não somente no intuito de valorizar a área, mas de realmente incluir esses professores e esses conhecimentos num processo mais amplo de avaliação.

Quais são as expectativas que a COPERVES tem sobre a inserção?

Todo o programa foi elaborado com a expectativa de contribuir no trabalho pedagógico; não nos interessa intervir nele, mas apresentar uma possibilidade de a escola entender o que é fundamental para o estudante da UFSM. Antigamente, dizia-se que com o PEIES (Programa Experimental de Ingresso ao Ensino Superior), que era um programa bastante original, a UFSM intervivia na escola. Nós não pensamos assim; consideramos que ofertamos para a escola um programa mínimo e é a escola que faz o máximo com ele. Por isso, ele é apenas um Programa de Referência. A expectativa é estar ao lado da escola contribuindo para o desenvolvimento pedagógico e, ao mesmo tempo, ofertando uma referência para que ela entenda o que é necessário para um estudante da UFSM.

Como essa inserção pode contribuir para a valorização das artes?

Acreditamos que é um modo de oficializar o nosso olhar como universidade sobre uma área que, até pouco tempo, era vista como uma que não produzia conhecimento. Havia todo um mito. O trabalho realizado na licenciatura em Artes, em todo o Centro de Artes Letras, tem sido no sentido de valorizar as artes. Entendemos que, ao trazer a arte como ponto de referência de estudo para a entrada na UFSM, estamos contribuindo nessa valorização.



Entrevistas na PROFITECS

Durante a Feira de Profissões da UFSM, a PROFITECS, realizada nos dias 22 a 25 de maio, o grupo do Jornal Temático realizou pequenas entrevistas com estudantes universitários das áreas relacionadas à Arte, como Música, Dança, Licenciatura em Letras e Publicidade e Propaganda. Cada um expôs seu ponto de vista a respeito da dificuldade de aceitação do curso pela família e da visão da sociedade perante estes cursos.

Entrevistado: Eduardo Prado

Curso: Música

"Desde criança eu sempre gostei muito de música e sempre estava envolvido com ela, mesmo não tendo nenhum músico na família. Sempre estava atrás de saber mais sobre o assunto. Quando cresci, optei por me profissionalizar e decidi que Música ia ser minha vida de verdade. Assim, procurei a faculdade. Quando falei da minha escolha para minha família, eles não aceitaram e disseram que, ou eu desistia do curso, ou saía de casa. Decidi seguir meu sonho. A respeito da impressão das pessoas sobre o meu curso, não tenho enfrentado preconceito, mas a desconsideração da música como um trabalho, que não é muito compreendida pela população. Eu falo que sou músico e as pessoas perguntam: "Mas com o que você trabalha?"(risos)."

Entrevistado: Huéllinton

Curso: Publicidade e Propaganda

"Eu uso da criatividade com um objetivo maior, sem ser só uma expressão artística. Quando contei aos meus pais sobre a minha escolha profissional, minha mãe disse que eu seria pobre (risos) e me aconselhou a cursar Medicina. Meu pai também não gostou da ideia, porque queria que eu cursasse Direito. Hoje, eles aceitam totalmente e já estão gostando da escolha. No futuro, pretendo investir no audiovisual e mudar para cidades maiores em busca de melhores oportunidades de emprego."

Entrevistado: Cinara Neujahr dos Santos

Curso: Bacharelado em Dança

"Eu acho que a dança é uma arte que funciona como uma terapia. Ajuda tanto o corpo quanto a alma. Auxilia na disciplina, responsabilidade, coordenação motora e no condicionamento físico. Eu, por exemplo, danço desde os 10 anos. Na época do vestibular, optei por Design Industrial, já que o curso de Dança não existia. Assim que o curso surgiu, eu tranquei a faculdade e passei a cursar o que eu realmente queria. Minha família sempre foi minha maior incentivadora, sempre me apoiando nas decisões e assistindo às apresentações. Na minha concepção, boa arte depende do que a arte te faz sentir e do gosto de cada pessoa, já que cada um tem as suas preferências. É importante respeitar os gostos dos outros, sem desmerecer."

Entrevistada: Luzianara Marques

Curso: Licenciatura em Letras

"Desde o começo, minha escolha profissional foi bem aceita e apoiada, visto que minha mãe e namorado são professores de Português. Depois que terminar a faculdade, pretendo fazer pós-graduação e passar em concursos."

Entrevistado: Diego Rosso

Curso: Artes Cênicas

"As artes, no geral, são muito marginalizadas, e poucas pessoas fazem faculdade de artes, porque não é valorizada como profissão pela população. Somente 1% da verba da UFSM foi investida no Departamento de Artes. Desde criança eu queria fazer parte de um grupo de teatro, mas quem não fazia aulas de futebol era chamado de "gay". Quando contei aos meus pais que iria fazer Artes Cênicas eles disseram que eu era louco, que ia passar fome. Mas eu acredito que toda arte é boa se ela for feita com amor e persistência. Eu, por exemplo, só vou parar de fazer isso quando morrer, porque é o que eu amo fazer."

Projeto de Música

A partir da lei 11.769, a disciplina de Música foi sancionada como parte obrigatória dos currículos do Ensino Médio da Educação Brasileira. Desde então, as escolas tiveram que se adaptar a essa normativa incluindo obrigatoriamente no componente curricular de Artes, além das Artes Plásticas, a Música e, progressivamente, devem também inserir outras modalidades artísticas, como o Teatro.

No Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM, a disciplina de Artes é ministrada no primeiro ano e a inserção da arte musical acontece desde o ano de 2011. No ano seguinte, surgiu a ideia de ampliar a oferta dessa arte também aos estudantes das outras séries desse nível de ensino. Foi assim que o então professor da disciplina, Leonardo Martins Sperb, graduando em licenciatura em Música na UFSM, teve a iniciativa de criar um grupo de música na escola, funcionando em horário extraclasse, a fim colocar na prática os conteúdos desenvolvidos na sala de aula e oportunizar a possibilidade de os estudantes mostrarem e/ou desenvolverem seus talentos musicais. Então, no segundo semestre de 2012, o projeto denominado “Recital de Conclusão”, entrou em andamento, com coordenação de Sperb em parceria com a professora Iara Cadore Dallabrida, licenciada em Música pela UFSM, especialista e mestranda em Educação.

A seguir, apresenta-se uma entrevista com os professores sobre a experiência deles como profissionais da Música, assim como no projeto e nas aulas desenvolvidos no Politécnico.

JORNAL: Como surgiu a escolha profissional pela música?

LEONARDO: Desde cedo, despertou-me o gosto pela música. Trabalhei com ela de maneira informal, tocando em shows e apresentações e orientando iniciantes de violão. A partir disso, eu busquei uma formação para que pudesse ter um pouco mais de conteúdo, porque eu nunca havia feito aula de instrumento. Faltava-me, então, essa parte de como e o que ensinar aos alunos.

IARA: A minha escolha profissional inicial não contemplava licenciatura em Música. Eu iniciei minha carreira cursando Direito, o qual queria muito, e fiz alguns semestres do curso. Como vim de uma família já inserida musicalmente, em que meu avô ensinava as pessoas a cantar e tocar moda de viola, a minha mãe tinha uma dupla com o irmão dela, a qual tocava em bailes; eu via a parte musical como um momento de unir a família, já que profissionalmente eu seria juíza, ou promotora e estudaria Música complementarmente. Eu entrei na licenciatura, junto à faculdade de Direito, porque eu queria cantar e tocar piano. Isso foi se invertendo, já que me interessei muito pela docência em Música e percebi que aquilo que eu fazia até como prática informal poderia vir a ser formal e constituir a minha profissão. Então, eu tranquei Direito porque passei no mestrado, mas pretendo continuá-lo como hobby agora, porque a área também me fascina. Porém, hoje sou maravilhada pela docência em Música.



JORNAL: E por parte da família, como foi a aceitação quando vocês decidiram seguir essa carreira?

LEONARDO: Quando há a opção pela Música, os familiares já querem saber “tá, mas vai trabalhar no que?” Isso é inevitável, porém, como eu já estava trabalhando de maneira informal, nada melhor do que ter uma formação, então sempre tive apoio da parte deles. Mas o que é trabalhar com música? Isso nós vamos aprendendo, de maneira que quebre essa visão de que a música é uma disciplina que se resume simplesmente a diversão ou hobby, e que existem muitos conteúdos dentro da música que nem mesmo nós conhecíamos e que viemos a conhecer com a nossa formação. É isso que tentamos passar nas nossas aulas.

IARA: Como disse, a aceitação da minha família foi tranquila, e eles não entenderam a minha adesão à licenciatura em música como para eu me tornar uma pessoa que vai ganhar a vida tocando nos lugares, isso eu acho que os preocuparia porque a vida de músico aqui no Brasil é complicada. Eles compreenderam que, desde cedo, eu queria trabalhar com adolescentes e adultos, então que o meu foco era ser professora da Universidade, porque se eu dissesse que gostaria de ser servidora do estado, professora em escola pública, de repente eles se preocupassem um pouco.

JORNAL: Como surgiu a ideia de fazer o grupo de música aqui no

Colégio Politécnico?

LEONARDO: Surgiu o diálogo com a professora Iara. Como eu ministro aulas com primeiros anos, existe aquela questão de ter que fazer avaliações, ter metodologia, ter conteúdo, algo que tenha início, meio e fim, fazer um cronograma. E eu gostaria muito de fazer uma atividade musical na prática, que envolvesse alunos que tivessem interesse, que já tivessem ou não alguma experiência musical, tocar algum instrumento, cantar ou ter vontade, o que é diferente de trabalhar em sala de aula. Obviamente, no decorrer do ano passado para cá, muitas coisas nós fomos adaptando, porque, quando nós planejamos, aprendemos muita coisa no desenrolar de apresentações: como fazer uma estrutura de ensaios, o que os alunos esperam também, como trabalhar com aqueles que têm vontade, mas ainda não tocam e não cantam. Então, nós abrimos a oportunidade, mas não sabíamos qual seria a nossa solução para todos esses desafios. Nosso objetivo com o trabalho com eles é de orientar, porque quando trabalhamos com pessoas, temos diferentes cargas culturais, cada um tem suas preferências, tem as suas “verdades”. Nós pedimos para que tragam a sua visão dessa música e a gente vai lapidando. A gente tem que saber selecionar o que gostamos e o que não gostamos, o que é diferente de aceitar tudo e bem diferente de ter preconceito. Por exemplo, isolar determinados gêneros, como se nada dele tivesse alguma coisa que acrescentasse. Nós selecionamos uma música de um gênero e trabalhamos com outro em cima dela.

IARA: A intenção inicial do projeto era falar pouco sobre música e fazer bastante música. Acredito que a principal dificuldade que a gente encontra até agora e, para a qual nós viemos buscando soluções ou questionamentos para refletir sobre isso, é a necessidade de que haja um trabalho mais individual. Nós somos dois e não conseguimos atender aluno por aluno. Foi um projeto que nós trabalhamos com os grupos, e dentro dos grupos, o que se propõe é que os alunos ensaiem fora do horário e, se eventualmente precisarem de ajuda, chamem. Os alunos do Politécnico, por já terem uma prática de crítica, aceitaram muito bem a questão de discutir o gosto musical, e não é “eu gosto da música”, mas sim “por que eu gosto da música?”. É argumentar sobre isso, no que essa música acrescenta e isso pode ser: “ela me serve de música de fundo enquanto eu faço faxina na casa” ou, então, “ela me acrescenta porque eu sento e escuto e sinto uma sensação boa”. Isso tem sido nossa maior felicidade, além de ver como eles estão evoluindo musicalmente, é ver o quanto esses alunos estão criticando, mas não aquela crítica superficial, a construtiva de verdade, um aceita, um escuta o outro. Nós brincamos na hora de brincar, falamos sério quando tem que falar sério.



JORNAL: O que é o projeto?

IARA: O projeto “Recital de Conclusão” era, basicamente, fazer música. E aí o “como seria feita essa música?” Nós estruturamos, primeiramente, em momentos de discussão de repertório, sobre o que era música, o que era música boa, ruim, se existe essa dualidade, o que era estética. O segundo momento foi o de prática musical com as preferências dos alunos para que eles pudessem utilizar músicas com as quais eles se sentissem confortáveis e próximos, podendo trabalhar a voz, o instrumento, a crítica sobre a sua própria música e sobre o seu próprio gosto. Muitos ali não achavam que tocavam bem o suficiente, ou até mesmo os que não tocavam nada, não entenderam muito bem a proposta do projeto. Alguns alunos nossos agora que estão entendendo e estão se soltando, mas até o início deste ano, ainda estavam lutando um pouco quanto a realizar apresentações para grandes públicos. O fundamental no decorrer do projeto foi uma mudança de visão sobre o que é a música. Eu percebo que, no início, o projeto ficava em segundo plano de outras atividades. Agora há um comprometimento deles, eles ensaiam, eles enviam vídeos, a gente faz uma troca legal. Eles notaram que vêm construindo conceitos e desconstruindo e significando de novo esses conceitos sobre o que é o projeto.

LEONARDO: A ideia do projeto, como o nome já diz, é realizar um recital de conclusão. Então, no decorrer do ano, o trabalho que a gente vem desenvolvendo é construindo repertório, discutindo algumas relações com a música. Neste ano, nós conseguimos uma parceria com a ULBRA e ocorrerá lá no dia 29 de novembro. Por ideia da professora Iara, ficou decidido que nós fizessemos sempre essa apresentação da maneira mais formal possível, então nós fazemos em traje de gala, já que isso parece valorizar e incentivar os estudantes envolvidos. A ideia é de nos vestirmos parecido e mostrar as diferenças com as músicas.



JORNAL: Quais as ações que vocês têm planejadas para o grupo e quais já foram realizadas?

IARA: Sobre as apresentações, ano passado, aconteceu o 1º Recital de Conclusão no Anfiteatro Caixa Preta, na UFSM, no dia 30 de novembro e foi uma experiência muito boa. Não estava nos nossos planos, mas nós fomos convidados a nos apresentar no prédio 18 da Química na abertura de um evento cujo tema era “docência nos diversos níveis de ensino”.

LEONARDO: Nessas apresentações, notamos que houve uma evolução na questão vocal, falando de uma maneira um pouco mais técnica. A gente percebeu que, assim como em vários ambientes que se relacionam com música, é difícil achar cantores, porque é muito fácil encontrar violonista, já que hoje em dia, a própria mídia, o YouTube te dão acesso a aulas de instrumento, então quem quer trabalhar com música acaba sempre pensando no violão. O canto é uma coisa que vem mais de dentro, é algo em que o teu corpo é o instrumento, e quem já é mais retraído acaba guardando muito isso.

JORNAL: E quanto ao crescimento musical dos componentes?

LEONARDO: De início, nós conseguimos trabalhar com um número pequeno de cantores e a gente ficava revezando, esse mesmo cantor era “alugado” pelos grupos. Hoje, nós já vemos um trabalho mais homogêneo, vocês mesmos puderam presenciar um ensaio onde todos estavam cantando. A Iara também trabalha junto essa questão cênica, uma apresentação musical trabalhando também com o teatro, cantando com o corpo. Acho que é importante também o professor ter o compromisso de trazer coisas novas. Eles trazem para nós o conhecimento que eles têm, de preferência musical, de gênero, mas não podemos simplesmente trabalhar com o que eles têm ali, a gente precisa trazer informações novas para que eles percebam que existem diferentes caminhos. Assim, junto a isso, a gente traz repertório diferente, arranjos vocais, arranjos só para instrumentos. A gente percebeu que hoje eles estão mais unidos, se todos vão cantar, todos cantam, todos tocam,

todos dançam. Antes, tudo estava mais segmentado.

IARA: Inclusive, uma das propostas na qual a gente está investindo bastante é continuar com os grupos individuais e formar um grande coral, que é o que nós estamos fazendo. Isso vem se cumprindo e nós estamos tentando melhorar isso, até para a apresentação do dia 29, nós também estamos planejando um espetáculo coral.

JORNAL: E qual é o gênero predominante no repertório dos alunos (se existir)?

LEONARDO: A gente tenta trabalhar bastante com a variedade de repertório, porque eu acho que é isso que acrescenta, porque cada preferência ou gosto ou estilo musical faz com que o público também se identifique. Um músico não toca para ele, ele vai tocar para o público, então, até que ponto a gente vai tocar somente o que a gente gosta. Trabalhamos um equilíbrio de tudo isso. Obviamente, não tocaremos o que a gente não gosta só para agradar o público e vice-versa. Eu acho que uma técnica infalível seria um repertório mais variado. Já tivemos, para ter uma lista de repertório, reggae – que até está tendo, samba, tentamos trabalhar com dance, mas não deu certo pela falta de equipamentos eletrônicos. A gente vê os instrumentos que nós temos, os recursos que nós temos, e adaptamos a todos os gêneros que quisermos trabalhar.

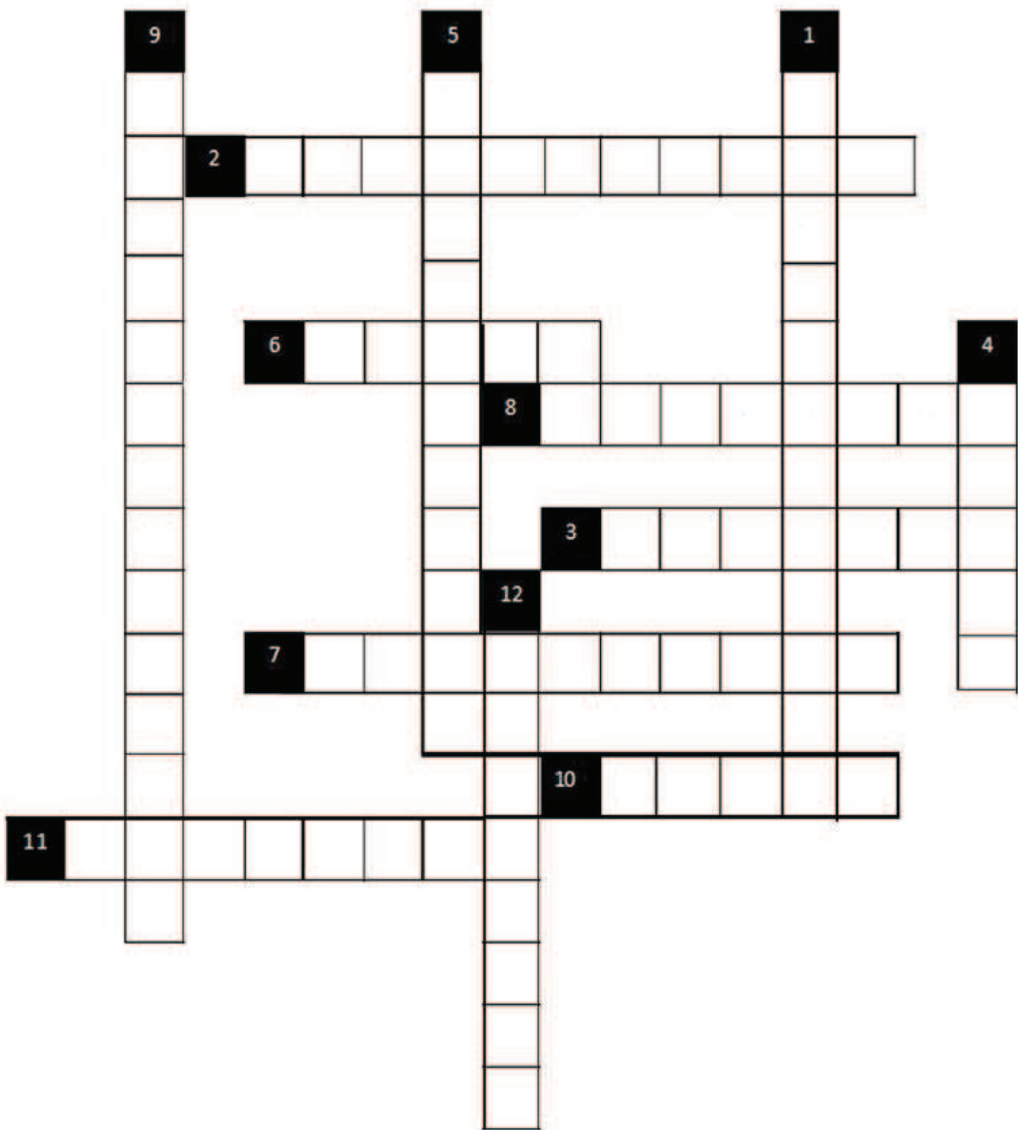
IARA: Predominantemente, acredito que o pop rock ou rock, mas um rock mais clássico. Não falando da época clássica, mas o que a mídia considera como tal. Tivemos já alguma coisa de samba, eu sinto a ausência de ritmos e estilos brasileiros, talvez porque eu afirme que eu não sou maleável para ensiná-los, eu tenho dificuldade nesses ritmos. Fico muito contente em ver que o critério de escolha dos alunos não é onde essa música aparece, e sim que música é essa. Já tivemos nativista, já tivemos samba, rock, sertanejo universitário, MPB. Música internacional tem bastante. Isso é bom, a gente vinha comentando sobre como o inglês não é mais um tabu. Eles têm uma boa formação em inglês e talvez isso seja o diferencial. Muita gente questiona sobre incentivá-los a interpretar músicas brasileiras. Acho que música é música, não importa, não pretendemos incentivar somente a nossa.



JORNAL: Como vocês estão vendo a inserção da música nos currículos das escolas públicas pelas experiências que vocês têm vivenciado?

IARA: Quanto à inserção da música, eu tenho uma palavra que eu acho que responde: preocupante. É uma conquista porque a música é uma área que merece uma atenção desde a educação infantil. Se não for feito um trabalho desde lá, talvez ele não seja bem desenvolvido somente no ensino médio. Eu acho muito importante a Música ter retornado aos currículos, em toda educação básica. O que preocupa um pouco é a falta de profissionais como licenciados em música nas escolas. Porém, eu acredito que o professor que é egresso da pedagogia poderia trabalhá-la com os alunos da educação infantil, já que não temos profissionais suficientes. Felizes os colégios que podem ter um professor de música que consiga desenvolver um projeto, porque tentativas existem, até o governo está dando bastante força para isso, eu sei que tem o “Mais Educação”, que disponibiliza recursos, mas ainda não é o que se pretende. Aliás, acho que essa é uma pergunta muito importante: o que se pretende? Isso não ficou claro, eu não consegui ver clareza na lei 11769, que diz “agora tem que ter música”. Ter música? Ter por ter? Para as disciplinas de Matemática, Português, História, por exemplo, existe uma cronologia, uma sequência no estudo. Música ainda não foi sistematizada, não foi colocado o que é importante. O grande medo é que a música perca o encantamento que ela produz e passe a ser só uma disciplina. Ao mesmo tempo, a preocupação é que a música entre na escola só para divertir e não seja trabalhada como uma área que desenvolve.

CRUZADINHA



Vertical:

1. Filme baseado na obra de Vitor Hugo.
4. Premiação mais importante do cinema.
5. Interpretou Cap. Nascimento.
9. O “rei do pop”.
12. Primeiro filme de animação da Pixar.

Horizontal:

2. Vocalista da banda Legião Urbana.
3. Filme de James Cameron vencedor de 11 Oscars.
6. Banda conhecida pela trilha sonora de “Highlander”.
7. Vilão conhecido por dizer “Eu sou seu pai.”
8. “Barão (?)” banda de rock brasileira dos anos 80.
10. Filme estrelado por Patrick Swayze e Whoopi Goldberg.
11. Protagonizou o filme “Forrest Gump” e “O Naufrago”.

QUAL É A MÚSICA?

(1) Você é luz, é raio estrela e luar,
manhã de sol, meu iaiá, meu ioiô.
Você é sim, e nunca meu não,
quando tão louca me beija na boca,
me ama no chão.

(2) Surpreendente provar
Do que eu só ouvi falar
Que você resolveu me mostrar

(3) Emancipate yourselves from
mental slavery
None but ourselves can free our minds
Have no fear for atomic energy,
'Cause none of them can stop the time

(4) Cuidado com o destino
Ele brinca com as pessoas
Tipo uma foto com sorriso inocente
Mas a vida tinha um plano e separou a
gente

(5) Olhe bem no fundo dos meus olhos
E sinta a emoção que nascerá quando você me olhar
O universo conspira a nosso favor
A consequência do destino é o amor, pra sempre vou te amar

(6) This Romeo is bleeding
But you can't see his blood
It's nothing but some feelings
That this old dog kicked up

(7) I'm bulletproof, nothing to lose
Fire away, fire away
Ricochet, you take your aim
Fire away, fire away

(8) É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há.

(9) Eu sou o seu sacrifício;
A placa de contra-mão;
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição.

(10) Tá frio na minha cidade
A bem da verdade está frio demais
Ao sul do meu coração
Quero tempo bom, só você me traz

Respostas cruzadinhas:	5-Wagner Moura	Horizontal:	7-Darth Vader	8-Vermelho	10-Ghost	11-Tom Hanks
Vertical:	1-Os Miseráveis	12-ToyStory	2-Renato Russo	3-Titanic	6-Queen	4-Oscar
Respostas 'qual é a música?':	(3) Redemption song – Bob Marley	(6) Always – Bon Jovi	(9) Titanium – David Guetta	(10) Castelhana – Os Serranos	(1) Fogo e paixão – Wando	(2) Logo Eu – Jorge e Mateus
	(4) Meu novo mundo – Charlie Brown Jr.	(7) De janeiro a janeiro – Nando Reis	(8) Pais e filhos – Legião Urbana			

Curiosidades...

Filmes mais lucrativos por Gênero:

- Animação (série): Shrek (2001 – 07)
- Desastre: 2012 (2009)
- Animação: Toy Story 3 (2010)
- Fantasia: O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei (2009)
- Animação Japonesa: A Viagem de Chihiro (2001)
- Crime: Onze Homens e um Segredo (2001)
- James Bond: Cassino Royale (2006)
- Horror: A saga Crepúsculo: Lua nova (2009)
- Policial: Os infiltrados (2006)
- Zumbis: Resident Evil 4: recomeço (2010)
- Derivado de Video Game : Príncipe da Pérsia: as areias do tempo (2010)
- Ficção Científica: Avatar (a maior bilheteria da história) (2009)
- Comédia Estudantil: É hoje (2007)
- Mudo: O artista (2011)
- Espadachim: Piratas do Caribe: o Baú da Morte (2006)
- Musical: Mamma Mia! (2008)
- Espiões: O ultimato Bourne (2007)
- Comédia: Se beber não case! Parte 2 (2011)
- Artes Marciais: Karate Kid (2010)
- Super herói: Batman: O Cavaleiro das Trevas (2008)
- Pós-Apocalíptico: Eu sou a Lenda (2007)

Primeira história em quadri-nhos:

Muitos especialistas concordam que “Histoire de M. Vieux Bois” (As aventuras do Sr. Cabeça de Pau), do cartunista suíço Rodolphe Töpffer, criada em 1827 e publicada a primeira vez uma década mais tarde, foi a primeira história em quadri-nhos. Publicada na América do Norte em 1842 como As aventuras de Obadiah Oldbuck, tinha cerca de 30 páginas, cada uma dividida em seis painéis com uma narrativa embaixo de cada desenho.

Maior sucesso de bilheteria em um mês:

O lançamento de Harry Potter e as Relíquias da morte – parte 2 (EUA/RU), O Capitão América, Transformers: o lado oculto da Lua e Carros 2 (todos dos EUA, 2011) fizeram de julho de 2011 o mês com maior ganho de bilheteria mundial. As vendas de ingresso totalizaram US\$ 1.395.075.783.

Há mais de 20 grandes premiações do cinema mundial realizadas anualmente, como o Oscar, Emmy, Globo de Ouro, Festival de Cannes, entre outras. A mais importante atualmente é :

Oscar(Academy Awards)

Nome oficial: Prêmio de Mérito da Academia
Primeira cerimônia: 16 de Maio de 1929
País de origem: Estados Unidos
O Oscar é a mais antiga e importante premiação cinematográfica. Ele inspirou o Grammy(premiação musical),o Emmy e o Globo de Ouro(ambas premiações cinematográficas).A cerimônia sempre ocorre no Kodak Theatre, premiando os filmes lançados no ano anterior.
Critérios: nas 25 categorias ,os vencedores são escolhidos por 5.800 membros votantes da Academia. Concorrem todos os filmes em cartaz por pelo menos uma semana em no mínimo três cinemas no distrito de Los Angeles no ano anterior à cerimônia. Os membros da Academia também indicam os cinco selecionados para concorrer em cada categoria. Atores indicam atores, diretores indicam diretores, e vice-versa.
Filmes que mais receberam estatuetas
1.Ben-Hur,1959- 11 prêmios - empatado com Titanic,1997 e Senhor dos Anéis, o retorno do Rei,2003
2. Amor, sublime Amor,1961 - 10 prêmios
3.Gigi,1958 – 9 prêmios
4.E o vento levou,1939 - 8 prêmios
5.Shakespeare in Love,1994- 7 prêmios

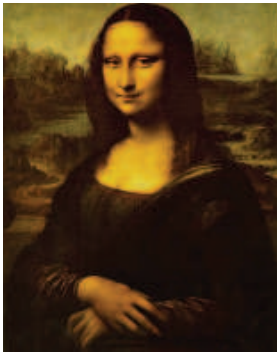
Obra de Arte mais Famosa:

A Mona Lisa, a pintura mais famosa do mundo, é propriedade do governo francês e pendura no Louvre, em Paris. A pintura mostra uma mulher olhando para o telespectador com o que é muitas vezes descrita como um sorriso “enigmático”. A Mona Lisa é talvez a parte mais famosa da história da arte, nenhuma outra obra de arte conseguiu causar tanta polêmica.

As Dez Obras mais Valiosas do Mundo



1 – Teto da Capela Sistina (780milhões de dólares)



2 – Mona Lisa de Leonardo da Vinci (642 milhões de dólares)



3 – A última ceia de Leonardo da Vinci (510 milhões de dólares)



4- A escola de Atenas de Rafael Sanzo (480 milhões de dólares)



5- A Liberdade Guiando o Povo de Eugene Delacroix (442 milhões de dólares)



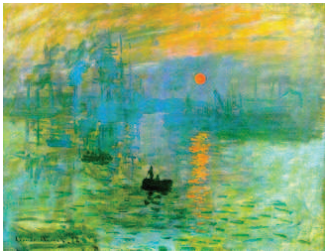
6- A moça com brinco de pérola (390milhões de dólares)



7- Noite estrelada de Vincent Van Gogh (345milhões de dólares)



8- Ronda Nourna de Rembrandt (305 milhões de dólares)



9- Impressão, nascer do sol de Claude Monet (265milhões de dólares)



10- Um Bar em Folies-Bergère (215 milhões de dólares)

Nossa Inspiração...

A diagramação do jornal “Arte. Arte? Arte!” foi inspirada em diferentes manifestações artísticas, referenciadas a seguir.

Foto da capa: Os olhos são de todos os envolvidos na realização do projeto. Trata-se de uma inspiração na obra “Fotografio por necessidade”, do artista argentino Jorge Sáenz.

Página 2: inspirada em obras do artista Wassily Kadinsky, que foi um pintor construtivista*, considerado o fundador da arte abstrata.

Página 3: inspirada em obras do artista Frank Philip Stella, que foi um dos artistas contemporâneos mais importantes e ecléticos dos Estados Unidos. Primeiramente aderido do expressionismo* abstrato, converteu-se à abstração geométrica e construtivista*, juntamente com o estilo minimalista.

Páginas 4 e 5: inspiradas na obra “Composição com Vermelho, Preto, Azul e Amarelo”, de Piet Mondrian.

Página 6: inspirada no Concretismo*.

Página 7: inspirada em “A Tristeza do Rei”, de Henri Matisse.

Páginas 8 e 9: inspirada na Música.

Página 10: inspirada no Dadaísmo*.

Página 11: inspirada em “O Balão Vermelho”, pintada em 1922, registra um balão infantil sobrevoando uma cidade. Paul Klee, autor do quadro, conferia uma grande atenção às cores, comparando-as a notas musicais. Os pintores expressionistas da primeira geração – associados a Klee -, admiravam obras de arte comparadas com produções infantis, considerando-as genuínas.

Páginas 12 e 13: inspirada na pintura “O Carnaval de Arlequim”, de Joan Miró, que inaugura uma linguagem cujos símbolos de fantasia remetem a uma mescla de estilos: a arte naïf, caracterizado pela simplicidade, e o Surrealismo*, identificado por usar áreas em oposição ao cenário lógico.

Páginas 14 e 15: inspiradas no Cubismo*.

*Correntes artísticas as quais inspiraram a diagramação do jornal “Arte. Arte? Arte!”:

SURREALISMO – O surrealismo foi concebido para não ser apenas uma escola artística, mas também para ser um meio de conhecimento de áreas pouco exploradas até então, o sonho, o inconsciente, a loucura, todos em oposição ao cenário lógico.

DADAÍSMO – Movimento que tinha por objetivo fazer com que as pessoas vissem coisas comuns do cotidiano sob um novo olhar, trazendo objetos mundanos e colocando-os em contextos inovadores e peculiares.

CUBISMO – O cubismo tratava a realidade a partir de formas geométricas, representando as partes de um objeto em um mesmo plano. Não havia compromisso com a forma real das coisas.

EXPRESSIONISMO - Através de uma paleta cromática vincada e agressiva e do recurso às temáticas da solidão e da miséria, o expressionismo é um reflexo da angústia e ansiedade que dominavam a sociedade, o que suscitou um desejo veemente de transformar a vida, de alargar as dimensões da imaginação e de renovar a linguagem artística. O expressionismo defendia a liberdade individual, o primado da subjetividade, o irracionalismo, o arrebatamento e os temas proibidos – o excitante, diabólico, sexual, fantástico ou perverso.

CONCRETISMO - A busca dos artistas era incorporar a arte (música, poesia, artes plásticas) às estruturas matemáticas geométricas. A intenção deste movimento concreto era desvincular o mundo artístico do natural e distinguir forma de conteúdo.

CONSTRUTIVISMO - representa a concretização da realidade, a visão da realidade a partir do autor.



Equipe de elaboração do jornal temático “Arte. Arte? Arte!”

“Num cérebro criador tudo se passa como se o artista tivesse retirado a guarda que vigia as portas: as ideias se precipitam todas juntas, e a inteligência só lhes faz a revista quando elas formam uma massa compacta.”

Schiller